

RELATO DE PESQUISA

“Pra bento”: a produção de materiais didáticos de português como língua de acolhimento com interações de uma rodoviária a partir da análise da conversa

João Vitor PICCOLI 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

Minéia FREZZA 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Luciane Sturm (UPF)

- Claudia Andrea Rost
Snichelotto (UFFS)

DATAS

- Recebido: 30/04/2025

- Aceito: 02/08/2025

- Publicado: 30/09/2025

COMO CITAR

Piccoli, João Vitor; Frezza, Minéia. (2025). “Pra bento”: a produção de materiais didáticos de português como língua de acolhimento com interações de uma rodoviária a partir da análise da conversa. *Revista da Abralín*, v. 24, n. 1, p. 1-32, 2025.

RESUMO

Frente aos crescentes fluxos migratórios contemporâneos, torna-se necessário empregar estratégias para integração dos/das migrantes nas sociedades acolhedoras. Este trabalho parte de um projeto maior que busca identificar as necessidades linguístico-interacionais da comunidade de migrantes da Serra Gaúcha para elaborar materiais didáticos para o ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) de acordo com suas próprias demandas. O objetivo desta pesquisa é descrever compras de passagens em uma rodoviária, situação destacada como necessária pelos/pelas próprios/as migrantes em estudo prévio (Cavinato; Gallina; Frezza, 2021), e elaborar um material didático de PLAc com base nessas interações, considerando a perspectiva intercultural e translíngue. Para tanto, foram transcritas (Jefferson, 1984) 20 interações naturalísticas gravadas em áudio e vídeo em uma rodoviária localizada na Serra Gaúcha. Os dados foram analisados a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversa (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974). Os resultados

evidenciaram padrões sequenciais recorrentes, como o vocabulário utilizado e a estrutura geral das interações, que foram essenciais para a construção de um material didático que atendesse às necessidades linguístico-interacionais cotidianas dos/das migrantes. Apresentar um material didático de PLAc que considere a demanda de seu público, a perspectiva intercultural de ensino (Maher, 2008) e a abordagem translíngue (García; Wei; 2014) contribui para a integração dos/das migrantes na sociedade acolhedora.

RESUMO EM OUTRA LÍNGUA

Given the increasing contemporary migratory flows, it is necessary to employ strategies to integrate migrants into host societies. This work is part of a larger project that seeks to identify the linguistic-interactional needs of the migrant community in Serra Gaúcha in order to develop teaching materials for teaching Portuguese as a Host Language (PHL) according to their own demands. The objective of this research is to describe ticket purchases at a bus station, a situation highlighted as necessary by the migrants themselves in a previous study (Cavinato; Gallina; Frezza, 2021), and to develop PLA teaching materials based on these interactions, considering the intercultural and translanguaging perspectives. To this end, 20 naturalistic interactions recorded in audio and video at a bus station located in Serra Gaúcha were transcribed (Jefferson, 1984). The data were analyzed from the theoretical-methodological perspective of Conversation Analysis (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974). The results revealed recurring sequential patterns, such as the vocabulary used and the overall structure of the interactions, which were essential for the construction of a teaching material that met the daily linguistic-interactional needs of migrants. Presenting a PHL teaching material that considers the demands of its audience, the intercultural teaching perspective (Maher, 2008) and the translanguaging approach (García; Wei; 2014) contributes to the integration of migrants into the host society.

PALAVRAS-CHAVE

Português como Língua de Acolhimento. Análise da Conversa. Rodoviária. MD.

KEYWORDS

Portuguese as a Host Language. Conversation Analysis. Bus station. Teaching material.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Desde 2010, o número de migrantes que chegam ao Brasil aumenta a cada ano. Uma das dificuldades enfrentadas por essa população é a aprendizagem da língua portuguesa, já que não há iniciativas estatais de ensino da língua oficial do país ao público migrante. Nesse contexto, o conceito de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) começa a ganhar força no Brasil. O PLAc refere-se ao ensino da língua oficial do país a pessoas adultas migrantes de crise. Este estudo dedica-se à produção de materiais didáticos de PLAc baseados no contexto de compra de passagens em uma rodoviária, necessidade linguística apontada pelos/pelas migrantes estabelecidos na Serra Gaúcha (Cavinato, Gallina e Frezza, 2021). Analisamos 20 interações de compras de passagens, que aconteceriam mesmo sem a presença do/da pesquisador/a, segundo a perspectiva da Análise da Conversa (AC), que tem como foco as ações desempenhadas por meio da linguagem. Como resultado, descrevemos a estrutura geral desse tipo de interação, o formato dos turnos pelos quais as ações são realizadas e o vocabulário utilizado nesse espaço. Esses resultados embasaram a construção de um MD de PLAc que considera as necessidades do público migrante, valorizando seus saberes e experiências anteriores.

Introdução

Desde 2010 o Brasil se tornou um dos principais destinos de fluxos migratórios de indivíduos que, motivados por desastres naturais e crises econômicas e sociais, deixam seus países. Dados apresentados no Boletim das Migrações (Brasil, 2024) expõem que, no período de 2010 até agosto de 2024, o Brasil registrou a entrada de mais de 2,2 milhões de pessoas, entre migrantes (residentes, temporários e fronteiriços), refugiados/as e solicitantes da condição de refugiado/a. Os fluxos mais representativos partem de nações como Bolívia, Venezuela e Colômbia (OBMigra, 2024). Com o crescimento do número de deslocamentos se torna necessário pensar em formas de acolhimento e integração dos/das migrantes à sociedade brasileira.

Apesar de o país contar com leis que garantem a migração e a acolhida humanitária aos/às migrantes (Brasil, 2017), apenas 215 municípios brasileiros oferecem efetivamente serviços de acolhimento à essa população (IBGE, 2019). A escassez de iniciativas governamentais se estende ao fato de que não há nenhuma política linguística voltada para o ensino do idioma oficial do país aos/às migrantes (Amado, 2013; Balzan; Kanitz, 2020; Cavinato; Gallina; Frezza, 2021). O acesso à língua do país receptor, contudo, é uma necessidade já que promove a integração e, mais que isso, é um direito do/da migrante que possibilita o uso de outros direitos (Grosso, 2010).

Apesar de o país contar com leis que garantem a migração e a acolhida humanitária aos/às migrantes (Brasil, 2017), apenas 215 municípios brasileiros oferecem efetivamente serviços de acolhimento à essa população (IBGE, 2019). A escassez de iniciativas governamentais se estende ao fato de que não há nenhuma política linguística voltada para o ensino do idioma oficial do país aos/às migrantes (Amado, 2013; Balzan; Kanitz, 2020; Cavinato; Gallina; Frezza, 2021). O acesso à língua do país receptor, contudo, é uma necessidade já que promove a integração e, mais que isso, é um direito do/da migrante que possibilita o uso de outros direitos (Grosso, 2010).

O ensino do português para esse público é então majoritariamente realizado pela ação de voluntários/as pertencentes a instituições ligadas à iniciativa civil (Amado, 2013) e, nesses casos, é comum que empreguem métodos de ensino mais intuitivos (Balzan, Kanitz, 2020). Outra dificuldade do ensino de português para migrantes no Brasil, apontada por Cavinato, Gallina e Frezza (2021), é a falta de materiais didáticos voltados para as especificidades do Português como Língua de Acolhimento (PLAc) que contenham interações naturalísticas, apresentando a língua em seu uso cotidiano e real nas situações de maior relevância para seu público.

Nesse contexto, este estudo deriva de um projeto de pesquisa maior inserido na área de Linguística Aplicada chamado “O português brasileiro falado na Serra Gaúcha como língua de acolhimento para imigrantes”¹ (Frezza, 2020). O projeto maior surgiu da necessidade de produzir materiais didáticos de PLAc para um curso de extensão de português para migrantes promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves.

Como parte das atividades desenvolvidas nessa primeira parte da pesquisa, em 2020, foram realizadas entrevistas com migrantes instalados/as no Rio Grande do Sul, visando compreender quais práticas interacionais eram necessárias (e mais urgentes) a eles/elas. Conforme pode ser observado por Cavinato, Gallina e Frezza (2021), um dos lugares mais citados pelos/as migrantes entrevistados/as como necessários no seu dia a dia é a rodoviária. Partindo do pressuposto de que a Análise da Conversa (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974) pode ser aplicada à educação linguística (Seedhouse, 2004; Wong; Waring, 2020), nesta pesquisa, objetivamos utilizar essa perspectiva teórico-metodológica para descrever compras de passagens em uma rodoviária com vistas a utilizar essa análise para elaborar um material didático (doravante MD) interacional de PLAc com interações naturalísticas.

A partir da concepção de língua como ação defendida pela Análise da Conversa, descrevermos as ações interacionais performadas em 20 interações gravadas em áudio e vídeo em uma rodoviária localizada em um município da Serra Gaúcha. Os formatos linguísticos dessas ações, bem como a organização da estrutura geral² dessas interações e o seu vocabulário recorrente foram utilizados como base para elaboração de exercícios linguísticos que visam promover a aprendizagem de como

¹ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (CAAE: 29648920.7.0000.8024).

² A organização da estrutura geral da interação refere-se aos padrões recorrentes que os/as participantes utilizam para coordenar suas ações conversacionais em uma sequência. Cada tipo de interação institucional tem uma organização da estrutura geral específica que é conhecida pelos/as interagentes à medida que se familiarizam com cada contexto interacional.

interagir em uma rodoviária. O MD que deriva deste estudo, que também conta com atividades interculturais e translíngues, integrará um livro didático interacional de PLAc, o qual contará com exercícios que compõem unidades didáticas baseadas em interações naturalísticas dos contextos mencionados como primordiais pelos/as migrantes entrevistados/as em pesquisa realizada anteriormente: Polícia Federal, Sistema Nacional de Empregos, Unidade Básica de Saúde, farmácia, padaria, açougue, lojas e escola (Cavinatto; Gallina; Frezza, 2021). O referido livro será utilizado nos cursos de extensão de PLAc ofertados pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

O artigo está organizado em quatro seções. A primeira se dedica ao referencial teórico e está dividida entre o conceito e as aplicações da área de PLAc a relação entre AC e educação linguística. A segunda apresenta os métodos utilizados na pesquisa. A terceira contempla a análise de dados e contém uma subseção na qual apresentamos alguns exercícios do material didático desenvolvido a partir da análise interacional empreendida no artigo. Por fim, há as considerações finais.

1. Referencial teórico

1.1. Português como Língua de Acolhimento: princípios e ensino

O termo PLAc surgiu no ano de 2001 em Portugal, no contexto dos fluxos migratórios contemporâneos. O PLAc inicialmente estava ligado a uma política de estado que visava ao ensino da língua como veículo para integração e acesso à cidadania (Lopez, 2020). Entendemos que o termo se refere ao ensino da língua oficial do país receptor a pessoas adultas, migrantes de crise, que muitas vezes se encontram em situação de fragilidade social e econômica. Os motivos de abandono do país de origem podem estar ligados à instabilidade política e econômica, guerras ou desastres naturais (Balzan; Kanitz, 2020).

O ensino de PLAc, então, não pode ser resumido ao ensino da língua uma vez que esta atua como ferramenta de acesso aos direitos do/da migrante (Grosso, 2010). Amado (2013), com base em Oliveira (2010), também argumenta que o aprendizado da língua oficial do país acolhedor fornece as competências necessárias para a integração social, mas que fatores extralinguísticos, como a condição psicossocial do/da migrante, devem igualmente ser considerados. Sobre o PLAc, Grosso (2010) argumenta que

a língua de acolhimento ultrapassa a noção de língua estrangeira ou de língua segunda. Para o público-adulto, recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, o uso da língua estará ligado a um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo (Grosso, 2010, p. 68).

O conceito de PLAc, contudo, não é isento de problemas e exige atenção ao ser aplicado. A conceitualização do termo muitas vezes se baseia em discursos de fraternidade, que veem o Outro totalizado a partir de suas faltas e, “nesse senso comum, portanto, acolher é dar ao Outro o que ele supostamente necessita, sendo essa necessidade sempre definida a partir do agente ‘acolhedor’.”

(Bizon; Camargo, 2018, p. 715). Anunciação (2018) argumenta que a origem do PLAc no programa “Portugal Acolhe” se aproxima de uma política assimilacionista e restringe a agentividade dos/das migrantes, pois o acesso a direitos civis é condicionado pelo aprendizado da língua oficial do país, o que revela uma estrutura etnocêntrica. A autora também alerta, com base em Maher (2007), que a defesa sobre o conhecimento de uma língua ser condição necessária para a adequação social reforça o mito de que o Brasil é um país monolíngue e linguisticamente homogêneo³.

Para Bizon e Camargo (2018), o acolhimento deve ser pensado de forma multidirecional, através do cruzamento das verticalidades e das horizontalidades, isto é, entre os atores hegemônicos, como o Estado e o setor empresarial, e as pessoas e suas agências cotidianas. As autoras, então, propõem o termo “Acolhimento em línguas”, reforçando a filiação a uma perspectiva transcultural e translíngue. Neves (2018) opta por utilizar o termo cunhado por Bizon e Camargo ao constatar que nem sempre o acolhimento ocorre em apenas um idioma. Nessa esteira, Zambrano (2024, p. 6) propõe o conceito “Acolhimento entre línguas”, em que a “a língua portuguesa é apenas mais uma ferramenta que o migrante pode fazer uso, mas não a única nem a mais importante.”. A autora busca cruzar as fronteiras linguísticas e culturais mantidas pelas sociedades dominantes ao se alinhar com uma Linguística Aplicada Transgressiva e questionar a tríade um povo/um território/uma língua.

Considerando que o objetivo secundário desta pesquisa é desenvolver um MD voltado ao ensino da língua portuguesa para migrantes de crise adultos/as, optamos por manter o alinhamento teórico ao PLAc. Porém, visando amenizar suas problemáticas e deficiências, preferimos também adotar uma perspectiva que se aproxima do acolhimento entre línguas, ao considerar a interculturalidade e a translinguagem para o desenvolvimento do MD em questão. Além disso, desenvolvemos o MD a partir das demandas linguísticas apresentadas pelos/pelas próprios/próprias migrantes, priorizando o atravessamento dos eixos vertical e horizontal.

A interculturalidade reconhece que as culturas são híbridas, dinâmicas e não-hierarquizáveis. Maher (2007), com base em Semprini (1999), apresenta as quatro premissas básicas dessa forma de multiculturalismo, quais sejam, “(a) a realidade é uma construção; (b) as interpretações são subjetivas e construídas discursivamente; (c) os valores são relativos; e (d) o conhecimento é um fato político.” (Maher, 2007, p. 264). Trata-se, portanto, de reconhecer o caráter mutável do Outro, sem fetichizar, exotizar ou beatificar sua cultura. Como as turmas de PLAc são bastante heterogêneas, formadas por migrantes advindos/as de vários países (Balzan; Kanitz, 2020) e que constituem grupos minoritários, “sem a interculturalidade o ensino de PLAc não cumpre a sua finalidade.” (Wammes; Balzan, 2024, p.65). Procuramos então, no MD, elaborar atividades que promovam o reconhecimento e o respeito às diversas culturas dos/das alunos/as, contribuindo para a construção de um ambiente acolhedor.

Buscamos também promover a translinguagem, assumindo que cada falante possui um repertório linguístico próprio e constituído por diversos recursos como vocabulário, gestos e práticas

³ Estamos cientes do processo liderado pela Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) que questiona o artigo 5º da Portaria nº 623/2020, sobre a obrigatoriedade do domínio sobre a língua portuguesa para naturalização, e que resultou na entrega de uma Nota Técnica ao Ministério da Justiça e Segurança Pública (DINIZ; SIGALES-GONÇALVES, 2025).

culturais (García; Wei, 2014). Assim, uma pedagogia translíngue favorece a justiça social⁴ ao abandonar a perspectiva imperialista e colonial de que há apenas uma língua padrão e escolhe valorizar “o que o educando tem, encorajando-o a usar toda a gama de seu repertório linguístico em sala de aula para construir sentido ou produzir textos de gêneros escolares/acadêmicos” (Welp; García, 2022, p. 52). No MD produzido, oferecemos atividades em que o/a migrante deve utilizar sua língua de casa, reforçando que aprender português não é abandonar sua identidade linguística e que uma língua não é mais importante do que a outra.

1.2 Análise da Conversa e Educação Linguística

A AC (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974) nasceu na década de 1960 sob as bases da etnometodologia de Harold Garfinkel e tem como foco de análise a ação humana desempenhada por meio da linguagem (Garcez, 2008). Uma das principais contribuições da etnometodologia⁵ para AC é a adoção de uma perspectiva êmica⁶, que considera o olhar dos/das próprios/as interagentes ao investigar as formas com que eles/elas desempenham e compreendem mutuamente suas ações (Silva; Andrade; Ostermann, 2009). Dessa forma, a AC busca entender como as pessoas agem socialmente, organizam e constroem suas identidades na fala-em-interação.

A AC busca “desvendar como a linguagem funciona na prática, nas interações sociais concretas, e como os participantes constroem a ordem social através da fala” (Loder; Jung, 2008, p. 25). Para tanto, os dados analisados pela AC são interações naturalísticas, ou seja, que ocorreriam mesmo sem a presença do/da pesquisador/a, normalmente gravados em áudio e vídeo. Com esse tipo de dado, é possível identificar como os/as participantes de uma interação se orientam para o que está ocorrendo e como constroem seus turnos de fala (Ostermann, 2012). Na transcrição dos dados para a posterior análise, deve constar a forma como o material foi produzido, considerando risos, pausas e alongamentos de sílabas, por exemplo, já que para a AC todos os turnos de fala estão inseridos em um contexto sequencial (Gago, 2002). A sequencialidade aqui é entendida com base na ideia de que ações produzidas em turnos anteriores geram o insumo para a produção dos próximos turnos (Gago, 2002).

⁴ A concepção de justiça social para a translinguagem está profundamente ligada ao reconhecimento da diversidade linguística como um direito e à crítica às hierarquias sociais que marginalizam falantes de línguas minoritárias, variantes não padrão ou repertórios multilíngues. A translinguagem, enquanto prática e teoria, desafia as estruturas de poder que privilegiam certas línguas (como o inglês padrão ou o português normativo) em detrimento de outras, defendendo uma visão igualitária, inclusiva e antirracista do uso linguístico (García; Wei, 2014).

⁵ A etnometodologia é uma perspectiva sociológica desenvolvida por Harold Garfinkel na década de 1960 que estuda como as pessoas constroem, negociam e mantêm a ordem social no cotidiano por meio de métodos práticos e interpretações compartilhadas. Diferentemente da sociologia tradicional, que busca explicar a sociedade por meio de estruturas abstratas, a etnometodologia foca nos processos locais e situados pelos quais os indivíduos dão sentido às suas interações.

⁶ A perspectiva êmica é uma abordagem de pesquisa que busca compreender um fenômeno a partir do ponto de vista interno dos participantes, valorizando seus significados, categorias e sistemas de classificação.

Pesquisas baseadas na AC podem contribuir para a educação linguística. Isso porque, por meio dessa metodologia, é possível identificar quais são as práticas sequenciais de interações em diversos contextos, visando apresentar a estudantes de línguas como podem agir através da linguagem em espaços específicos (Richards; Seedhouse, 2007). A AC também pode ser utilizada para constatar as necessidades particulares de aprendizagem dos/das alunos/as e avaliar a eficácia de materiais didáticos e atividades promovidas em sala de aula (Wong; Waring, 2020). Markee e Kunitz (2015) argumentam ainda que o conhecimento da AC por parte dos/das professores/as pode torná-los/las mais sensíveis aos mecanismos que organizam as interações, o que contribui para melhorar seu desempenho no ensino de habilidades interacionais.

Wong e Waring (2020) demonstram detalhadamente como diversos aspectos da AC podem ser aplicados à educação linguística. As autoras exemplificam como é possível desenvolver materiais didáticos, planejar aulas e avaliar o desempenho dos/as alunos/as com base na AC. Assim, a obra fornece uma visão tanto teórica quanto prática sobre como essa abordagem pode aprimorar o ensino de línguas.

Neste estudo, a aplicação dos resultados das análises feitas por meio da AC no desenvolvimento do MD possibilitou apresentar aos/às migrantes interações de uso real da língua. Baseamos a produção do material na organização da estrutura geral e nos formatos de turnos que emergem desse contexto interacional, preparando os/as alunos/as para situações do cotidiano nesses ambientes. Além disso, a análise permitiu identificar o vocabulário específico utilizado em rodoviárias, o qual foi utilizado na elaboração de atividades do MD.

2. Métodos

Para este trabalho, foram gravadas, em áudio e vídeo, 20 interações naturalísticas. As gravações ocorreram em uma rodoviária localizada na Serra Gaúcha, em abril de 2024. Ressalta-se que qualquer informação que possa comprometer a identidade dos/das participantes foi omitida e optou-se pela utilização de nomes fictícios. Segundo estudos em Sociolinguística Interacional, o processo de coleta de dados em pesquisas que envolvem gravações de interações naturais frequentemente levanta questionamentos sobre o chamado "paradoxo do observador" - a ideia de que a simples presença do/a pesquisador/a ou do equipamento de gravação poderia alterar o comportamento linguístico dos participantes (Labov, 1972). Apesar do reconhecimento desse fato como uma limitação metodológica, há evidências empíricas demonstram que, após um período inicial de estranhamento, os/as voluntários tendem a se adaptar à situação de gravação e retomam padrões linguísticos mais espontâneos (Ostermann, 2012). Essa constatação é corroborada por estudos clássicos de Labov (1972) sobre a atenção monitorada, que mostram como os/as falantes naturalmente relaxam quando imersos/as em interações autênticas, mesmo em contextos de pesquisa.

Após as gravações, os dados foram transcritos com base nas convenções de Jefferson (1984) e de acordo com o quadro abaixo. Essa metodologia de transcrição considera aspectos típicos da fala, como velocidade, sobreposição de turnos, pausas e risos, por exemplo.

(1,8)	Pausa
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[texto] [texto]	Falas sobrepostas
˘	Entonação contínua
↑ texto	Entonação ascendente da sílaba
↓ texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente da UCT
_ (underline)	<i>Level intonation</i> (entonação plana)
?	Entonação ascendente da UCT
texto-	Marca de interrupção abrupta da fala
:::	Alongamento de som
> texto <	Fala acelerada
> > texto < <	Fala muito acelerada
< texto >	Fala mais lenta
< < texto > >	Fala muito mais lenta
TEXT0	Fala com volume mais alto
otextoo	Volume baixo
ootextooo	Volume muito baixo
<u>texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(texto)	Dúvidas do/a transcritor/a
hhh	Riso aspirado (italicizado)
<i>hahahehehihi</i>	Risada com som de vogal (italicizado) - a vogal deve representar aquela que foi produzida
{{chorando} texto}	Turnos ou palavras pronunciadas com tom agudo/grave/chorando/cantando/etc. (descrever em itálico)
.hhh	Inspiração audível
hhh	Expiração audível

f?textof	Fala/UCT produzida com risada
ã?ã, m?m, ã?ã?ã?	Oclusiva glotal (como no inglês <i>uh-oh</i> . Som produzido no fundo da garganta, como uma "pausa". Em português é comum nos tokens negativos.
~texto~	Voz oscilante/trêmula
trans(h)cri(h)ção	Expiração e inspiração durante palavras

QUADRO 1 – Convenções de transcrição

Fonte: Modelo de transcrição traduzido e adaptado pelo grupo Fala-em-interação em contextos institucionais e não-institucionais a partir da proposta de Jefferson (1984), com marcações sugeridas pelo Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT2) (Selting et al., 2011).

Os dados obtidos e transcritos foram analisados a partir da perspectiva teórico-metodológica da AC. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) definem a AC como uma abordagem que estuda a estrutura sistemática das interações verbais cotidianas, focando em como os/as participantes organizam a conversa no turno a turno interacional. Nosso foco de análise, portanto, foram a organização da estrutura geral das interações, os formatos dos turnos e as ações realizadas por meio da linguagem utilizada nas 20 interações naturalísticas gravadas. Essa análise, bem como as perspectivas interculturais e translíngues, serviu para indicar o conteúdo e a organização das atividades que compõem a unidade do MD de PLAc proposto.

3. Análise de Dados

O primeiro exercício analítico resultou na divisão das interações em três tipos diferentes, de acordo com suas estruturas gerais e ações desempenhadas. Assim, as 20 interações do corpus deste estudo ficaram divididas conforme as seguintes categorias: (a) onze interações de compra de passagens em que os/as clientes possuem conhecimento prévio dos horários e destinos; (b) sete interações de compra de passagens em que os/as clientes não dispõem desse conhecimento prévio e necessitam solicitar as informações referentes à viagem; e (c) duas interações de retirada de dúvidas específicas, sem compra de passagens. Neste artigo, dedicamos atenção especial aos dois primeiros tipos de interação.

Para ilustrar a primeira categoria, apresentaremos aqui na íntegra a conversa entre a atendente Paula e a cliente Daniela, conforme pode ser observado no Excerto 1:

1	PAULA:	oi
2		(.)
3	DANIELA:	pra bento
4		(23,8) ((Cliente paga, recebe o troco
5		e a passagem.))
6	DANIELA:	brigada
7	PAULA:	de nada

EXCERTO 1 – RODOVIÁRIA_DANIELA_17_04_24

Fonte: elaborado pelos autores.

A interação inicia-se com Paula realizando uma saudação na linha 01. Daniela, por sua vez, não responde com outra saudação, ignorando a preferência de fornecer um item que corresponde à segunda parte de um par adjacente saudação-saudação. Na linha 03, a cliente segue a interação com uma solicitação de compra de passagem, informando apenas para onde deseja ir. Há uma pausa de 23,8 segundos dedicada ao pagamento, emissão da passagem e entrega do troco e da passagem (l. 4). Ao final, Daniela agradece, na linha 06, e recebe como resposta de Paula, na linha 07, o item preferido nessa ocasião, qual seja, o reconhecimento do agradecimento. Ressalta-se que o trecho referente ao pagamento da passagem não contou com ações verbais, uma vez que Daniela apenas entrega o dinheiro à atendente, e esta alcança a passagem à primeira.

Nota-se que Paula não realizou as ações facultativas descritas na estrutura geral desse tipo de interação (Figura 1). A atendente não solicita confirmação do horário antes de seguir com a emissão da passagem e nem pergunta em qual poltrona a cliente gostaria de se sentar durante a viagem. A falta de solicitações de informação sobre o serviço pode indicar que Daniela é uma usuária frequente do serviço.

Diferentemente dessa situação, o trecho apresentado a seguir, que também é uma interação do tipo que os/as clientes possuem conhecimento prévio dos horários e destinos, entre a cliente Bruna e a atendente Paula, conta com as ações facultativas.

1	BRUNA:	oi [tudo °bom°]?
2	PAULA:	[oi]=
3	BRUNA:	=eu queria uma passagem pra lajeado
4		(1,0)
5	PAULA:	agora quatorze e quarenta:?
6	BRUNA:	↑i:sso
7		(4,4)
8	PAULA:	< poltrona: > trinta e um pode ser? =
9	BRUNA:	=pode ser aha:m

EXCERTO 2 – RODOVIÁRIA_BRUNA_17_04_24

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesse atendimento, é a cliente quem inicia a interação, também com uma saudação. Paula, na linha 02, em sobreposição ao final do turno de Bruna, responde com outra saudação, completando o par adjacente. Então, na linha 03, Bruna faz uma solicitação de compra de passagem, também indicando o local para onde gostaria de ir. Na sequência ao turno da cliente, Paula solicita uma confirmação do horário desejado para a viagem, ação que nem sempre ocorre, como demonstrado no Excerto 1. Bruna provê a confirmação solicitada, respondendo com “isso”.

Após uma pausa de 4,4 segundos, Paula toma o turno com um oferecimento de alternativa de poltrona, na linha 07: “poltrona trinta e um, pode ser?”. Bruna, na linha 08, aceita a alternativa provida pela atendente. Ao optar pelo assento vago ofertado, a cliente também opta por responder ao turno anterior utilizando uma forma preferida, pois a escolha de outra poltrona, nesse contexto, geraria maior trabalho interacional.

Quanto às interações de compra de passagens em que os/as clientes possuem conhecimento prévio das informações da viagem, observamos que algumas ações são facultativas. A estrutura geral desse tipo de interação está representada na figura abaixo, com as ações facultativas descritas entre parênteses.

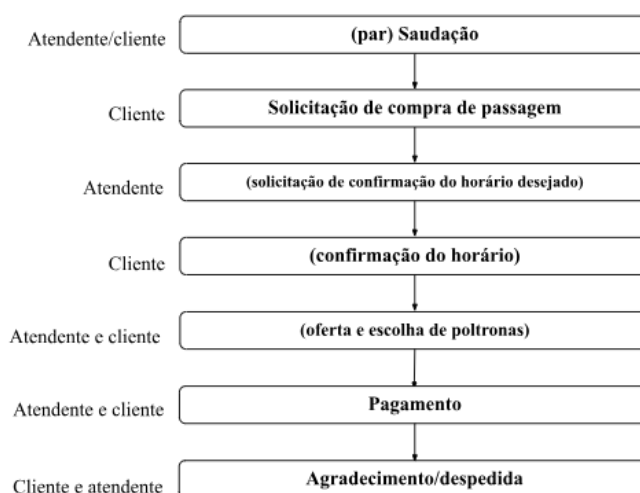


FIGURA 1 – Organização da estrutura geral das interações de compra de passagens e que o/a cliente possui conhecimento prévio acerca da viagem.

Fonte: elaborada pelos autores.

Para demonstrar como ocorrem as interações de compra de passagem em que os/as clientes não possuem conhecimento prévio sobre a viagem, apresentamos neste trabalho o atendimento entre a atendente Paula e a cliente Joana. Separamos a transcrição em pequenos trechos, apresentados ao longo da análise:

1	JOANA:	o[:i] tudo bem=
2	PAULA:	[oi]
3	PAULA:	=tudo=
4	JOANA:	=ã:::- quais os horários que tu tens pra
5		< porto alegre amanhã, a partir das <u>dez</u> da
6		manhã: >
7		(0,6)
8	PAULA:	tem as dez, dez e meia, e onze e meia, (.)
9		de manhã
10		(.)

EXCERTO 3 – RODOVIÁRIA_JOANA_17_04_24 (1)

Fonte: elaborado pelos autores.

Ao aproximar-se do guichê de atendimento, Joana inicia a interação com uma saudação (l. 1). A cliente é prontamente respondida por Paula, com uma sobreposição de turnos (l. 2). Paula, na linha 03, apenas responde ao turno de Joana (“tudo bem=”), sem devolver-lhe a pergunta, o que demonstra que a interação está voltada para o cumprimento do mandato institucional. A conversa segue com Joana, na linha 04, fazendo uma solicitação de informação sobre os horários de ônibus disponíveis para o destino desejado por ela. Nota-se que sua fala se torna mais lenta, e há destaque no item “dez”, ressaltando os aspectos condicionais da informação solicitada: “porto alegre”, “amanhã”, e “a partir das dez da manhã”. Esses itens restringem as possibilidades de resposta na segunda parte do par adjacente e têm como efeito a otimização da interação.

Paula, na linha 08, provê a informação solicitada pela cliente. A atendente utiliza entonação de lista ao apresentar os três horários disponíveis como alternativas para Joana. A interação segue da seguinte forma:

11	JOANA:	>de manhã-< onze e meia <e de ↑ta:rde> qual é
12		o primeiro horário da ↑tarde=
13	PAULA:	=às catorze e trinta e cinco.
14		(.)
15	JOANA:	e chega que horá:rio em porto alegre
16		(0,5)
17	PAULA:	chega::: dez pras cinco
18		(0,8)
19	JOANA:	a:: <não vai dar> (.) então eu tenho que
20		pegar o das onze meia
21		(.)
22	PAULA:	o<uhum>o
23		(0,7)

EXCERTO 4 – RODOVIÁRIA_JOANA_17_04_24 (2)

Fonte: elaborado pelos autores.

Joana repete o último item produzido por Paula, explicitando seu entendimento das alternativas oferecidas (l. 11). No mesmo turno, a cliente faz uma segunda solicitação de informação sobre os horários de ônibus disponíveis para o destino desejado, mas, dessa vez, pergunta especificamente pelo “primeiro horário da tarde” (l. 12). Paula responde prontamente, iniciando seu turno junto ao término do turno da cliente, informando o horário (l. 13).

Após uma micropausa, Joana toma o turno e segue a interação com mais uma solicitação de informação. Na linha 15, ela pergunta qual o horário de chegada do ônibus ao seu destino, ação facultativa, que não ocorre em todas as interações desse tipo. Depois de uma pausa de meio segundo, Paula responde “chega::: dez pras cinco”. A pausa interturno (l. 16) e o alongamento do som da última vogal da palavra “chega:::” são formas de ganhar tempo na busca pela informação correta antes de provê-la.

Nas linhas 19 e 20, Joana recusa a alternativa de tomar o primeiro ônibus da tarde para Porto Alegre (“a:: <não vai dar>”) e segue com uma conclusão que gera sua solicitação de compra de passagem: “então eu tenho que pegar o das onze e meia. O formato desse turno explicita sua decisão. Paula (l. 22) confirma, com volume mais baixo que o habitual na interação, que recebeu a solicitação de Joana.

O Excerto 5 refere-se à continuação dessa interação:

24	PAULA:	pra amanhã né
25		(.)
26	JOANA:	<u>é</u> :
27		(6,3)
28	PAULA:	tem preferência por pol↑trona:
29		(0,8)
30	JOANA:	ã:: (.) tu tens a ↑onze
31		(.)
32	PAULA:	tenho
33		(.)
34	JOANA:	pode ser
35		(2,7)

EXCERTO 5 – RODOVIÁRIA_JOANA_17_04_24 (3)

Fonte: elaborado pelos autores.

Paula continua a interação com uma solicitação de confirmação do dia da viagem: “pra amanhã né”. Na sequência, Joana (l. 26) provê a confirmação solicitada pela atendente no turno anterior, encerrando o trecho da interação referente à solicitação de compra da passagem. Após uma longa pausa, Paula toma novamente o turno com uma solicitação de informação: “tem preferência por poltrona”.

Os turnos produzidos desde a linha 30 até a 33, portanto, podem ser caracterizadas como uma sequência inserida entre um par adjacente. Joana então toma o turno e responde à solicitação de informação de Paula com outra solicitação de informação (l. 30): “ã:: (.) tu tens a ↑onze”. Paula responde afirmativamente (l. 32) e Joana conclui a escolha da poltrona onze: “pode ser” (l. 34). A solicitação de Joana por uma poltrona tão específica, sem mencionar a posição do assento em relação à saída, janela ou corredor, pode indicar que ela é uma usuária frequente dos serviços rodoviários e conhece previamente a localização dessa poltrona dentro do ônibus. Porém, é sabido que muitas pessoas tomam decisões baseadas em crenças numerológicas, superstições etc., o que não nos permite afirmar com convicção que Joana é, de fato, cliente frequente desse tipo de serviço.

Abaixo há a continuação da interação com a sequência interacional dedicada ao pagamento da passagem.

36	PAULA:	é débito ou crédito
37		(.)
38	JOANA:	é: débi↓to
39		(24,5) ((Som de outras conversas.))

EXCERTO 6 – RODOVIÁRIA_JOANA_17_04_24 (4)

Fonte: elaborado pelos autores.

Paula toma o turno e faz um oferecimento de alternativa quanto à forma de pagamento: “é débito ou crédito”. Acrescentamos que a cliente estava com o cartão bancário na mão desde a linha 17, o que dispensa Paula de solicitar informações mais gerais sobre a forma de pagamento. Joana opta pela primeira alternativa (l. 38). Há um silêncio interturnos de 24,5 segundos, utilizado por Paula para realizar o processamento da operação de venda de passagens. Esse silêncio extenso abre espaço interacional para mais uma solicitação de informação:

40	JOANA:	ele é direto, semidireto, como é que é
41		(.)
42	PAULA:	esse aqui:: ele é comum (.) das onze e
43		[meia]
44	JOANA:	[comum].
45		(8,1)

EXCERTO 7 – RODOVIÁRIA_JOANA_17_04_24 (5)

Fonte: elaborado pelos autores.

Antes do encerramento do trecho da interação destinado ao pagamento, Joana realiza mais uma solicitação de informação (l. 40), dessa vez sobre a modalidade de viagem do ônibus. Paula responde à cliente que o ônibus é comum (l. 42) e Joana, em sobreposição ao último item produzido por Paula, repete (l. 44): “[comum].”, demonstrando recebimento e entendimento da informação provida pela atendente. Normalmente a solicitação de informação quanto à modalidade de viagem do ônibus ocorre antes das ações dedicadas ao pagamento da passagem.

O uso do item “esse” (linha 42) se refere ao ônibus escolhido por Joana, o que fica claro quando Paula complementa seu próprio turno após uma micropausa: “das onze e [meia]”. Após outro extenso silêncio interturno, de 8,1 segundos (l. 45), a conversa volta ao tópico do pagamento:

46	PAULA:	pode aproxima:r ou inserir
47		(22,6) ((Pagamento.))
48	PAULA:	pode retira:r
49		(14,6) ((Emissão de passagem.))

EXCERTO 8 – RODOVIÁRIA_JOANA_17_04_24 (6)

Fonte: elaborado pelos autores.

Na linha 46, Paula faz uma solicitação de conduta para Joana: “pode aproximar- ou inserir”. A cliente não responde verbalmente, mas demonstra seu entendimento ao realizar a conduta solicitada pela atendente e efetuar o pagamento da passagem, durante o silêncio interturno de 22,6 segundos (l. 47). Paula toma novamente o turno, com outra solicitação de conduta (l. 48): “pode retira:r”. Dessa

vez, na pausa da linha 49, a cliente também realiza a conduta solicitada e, então, ocorre a emissão da passagem. A interação encaminha-se para o fim:

50	PAULA:	>porto alegre então< amanhã às onze e meia
51		(0,4)
52	JOANA:	obrigadao
53		(.)
54	PAULA:	onadao

EXCERTO 9 – RODOVIÁRIA_JOANA_17_04_24 (7)

Fonte: elaborado pelos autores.

Após emitir e entregar a passagem à Joana, Paula reitera verbalmente os dados de destino, dia e horário (l. 50) para a cliente. Essa ação é um pré-fechamento canônico do ambiente da rodoviária e fornece a última possibilidade interacional para ajustar a negociação de compra da passagem. Joana, então, agradece, com volume de voz mais baixo: “obrigada”, confirmando que a negociação está concluída, e, após uma micropausa, a atendente encerra a interação retribuindo o agradecimento da cliente (linha 54), também com volume mais baixo que o corrente até então: “nada”.

Portanto, as interações em que o/a cliente não possui conhecimento prévio sobre a viagem apresentam uma estrutura geral diferente das interações em que os/as clientes já possuem essas informações. A estrutura geral apresentada abaixo se refere às interações em que os/as clientes não possuem conhecimentos prévios sobre a viagem e as ações facultativas também estão descritas entre parênteses, nota-se que aqui há mais trabalho interacional em relação às interações em que os/as clientes já possuem informações sobre a viagem.

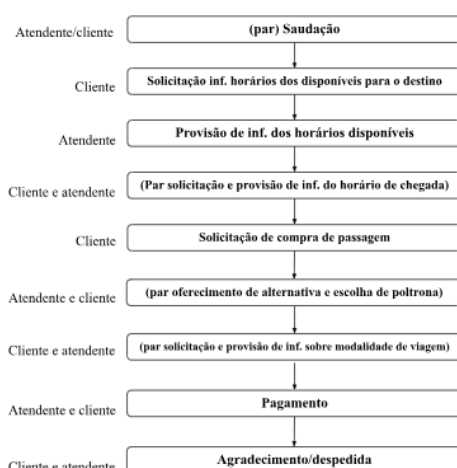


FIGURA 2 – Organização da estrutura geral das interações de compra de passagens e que o/a cliente não possui conhecimento prévio acerca da viagem.

Fonte: elaborada pelos autores.

Assim como demonstrado por Gonzalez-Lloret (2005), que também adota a perspectiva da AC para estudar uma interação em uma rodoviária, nossos dados mostraram que os turnos tendem a condensar pouca informação, e que cada um deles costuma resolver apenas um detalhe da compra. Diferentemente do excerto analisado por Gonzalez-Lloret (2005), os dados deste estudo mostram que as solicitações de informação partem majoritariamente dos/das clientes.

Ao final da análise, conclui-se que as interações do corpus desta pesquisa assumem organizações da estrutura geral diferentes a depender do quanto o/a cliente sabe sobre a passagem que deseja adquirir. Quando mais conhecimento o/a cliente tiver sobre a viagem em questão, menor será o trabalho interacional dedicado à negociação. Por outro lado, interações em que o/a cliente possui pouco ou nenhum conhecimento sobre a viagem demandam maior trabalho interacional, com diversas sequências de solicitações e ofertas de informação levam à conclusão da negociação.

3.1 Como a análise de dados colabora para a produção de materiais didáticos?

A análise dos dados evidenciou a estrutura geral das interações de compra de passagens em uma rodoviária, bem como o formato dos turnos e o vocabulário utilizado nesse espaço. A partir disso e do nosso alinhamento teórico com a interculturalidade e a translinguagem, desenvolvemos um MD de PLAc que visa atender às necessidades apontadas pelos/pelas migrantes da Serra Gaúcha. Apresentaremos, a seguir, alguns trechos da unidade temática rodoviária.

O primeiro exercício do MD, baseado no conceito de interculturalidade (Maher, 2007), busca introduzir o tema “rodoviária”. Nele, o/a estudante é estimulado a responder as perguntas com base na sua experiência pessoal em rodoviárias, tanto no Brasil como em outros lugares que ele/a conhece.

1) Conte-nos um pouco sobre sua experiência com rodoviárias a partir das perguntas abaixo:

a) Você já teve que pegar um ônibus em uma rodoviária depois de chegar aqui no Brasil? Como foi?

b) Você acha que viajar de ônibus no Brasil é mais fácil ou mais difícil do que em outros lugares que você conhece? Por quê?

c) Quais são as principais formas de pagamento de passagens que você conhece?

FIGURA 3 – MD (1)

Fonte: elaborada pelos autores.

Na sequência, o exercício 2 busca preparar os/as aprendentes para os exercícios seguintes de compreensão oral, fornecendo o vocabulário utilizado nas rodoviárias da Serra Gaúcha. A maior parte das palavras que compõem a lista apresentada foi retirada dos dados naturalísticos analisados, e nos apoiamos no conceito de translanguagem ao incentivar que os/as alunos/as utilizem sua língua de casa para realizar o exercício, cujo enunciado é "Escreva as palavras abaixo nos idiomas ou variedades que você conhece. Se não souber uma tradução 'oficial', use estratégias criativas: misturas, empréstimos, gestos ou até desenhos!".

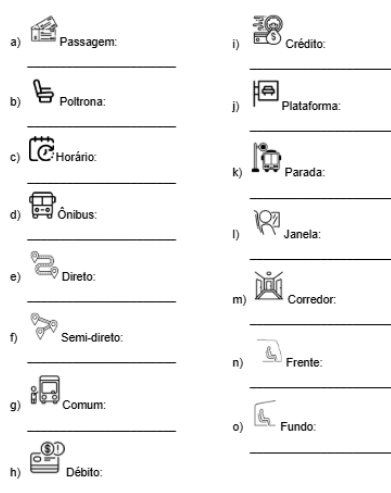


FIGURA 4 – MD (2)

Fonte: elaborada pelos autores.

Após a apresentação do vocabulário, o MD segue com um exercício focado na escuta e resposta de questões. O áudio apresentado aos/as migrantes é uma interação naturalística e faz parte do corpus desta pesquisa, possibilitando acesso a uma conversa autêntica no momento da aprendizagem. Além disso, as perguntas foram formuladas a partir de ações relevantes que compõem a estrutura geral da interação, como a solicitação de informação sobre os horários de ônibus disponíveis.

 Exercício 3: Escaneie o código QR abaixo, ouça um atendimento em uma rodoviária e, na sequência, responda às perguntas. Esta é uma conversa real entre a cliente Joana e a atendente Paula, também disponível neste [link](#).



- Para onde Joana deseja ir?

- Quais são os horários de embarque, no turno da manhã, que Paula oferece a Joana?

- Qual é o primeiro horário, no turno da tarde, em que um ônibus sai para onde Joana quer ir?

- Qual é a forma de pagamento escolhida por Joana?

FIGURA 5 – MD (3)

Fonte: elaborada pelos autores.

O exercício 4, por sua vez, envolve também a escuta de uma interação naturalística, mas dessa vez com foco em completar, com o vocabulário tipicamente utilizado em rodoviárias, as lacunas de palavras na transcrição dessa conversa. Optamos pela mesma interação que serviu de alicerce para o exercício 3 por se tratar de um dado mais completo no que tange às ações desempenhadas pelas interagentes e também por não possuir interferências de áudio – como os dados foram gravados em uma rodoviária, alguns deles apresentam ruídos de ônibus ao fundo, por exemplo. Cabe destacar que, para fins didáticos, a transcrição apresentada não conta com as convenções de Jefferson (1984):

 4: Hora do desafio! Em dupla, tente preencher as lacunas da interação abaixo sem escutá-la.

Joana: Oi, tudo bem?
Paula: Oi, _____.
Joana: Quais _____ que tu tens pra Porto Alegre, amanhã, a partir das _____?
Paula: Tem às dez, dez e meia e onze e meia, de manhã.
Joana: De manhã onze meia. E de tarde? Qual é o _____ horário da tarde?
Paula: Às catorze e trinta e cinco.
Joana: E chega que _____ em Porto Alegre?
Paula: Chega dez pras cinco.
Joana: Não vai dar. Então eu tenho que pegar o das _____.
Paula: Uhum. Pra _____, né?
Joana: É.
Paula: Tem preferência por _____?

FIGURA 6 – MD (4)

Fonte: elaborada pelos autores.

Depois de completar a interação em duplas conforme o exercício apresentado na Figura 6, os/as alunos/as ouvem o áudio para conferirem suas respostas. Destaca-se que a maior parta das palavras retiradas do áudio fazem parte do exercício de vocabulário realizado anteriormente.

Dedicamos, também, uma parte do MD a uma seção chamada de “Explorando a linguagem”. Nesse trecho, seguindo a estrutura geral das interações de compra de passagens em uma rodoviária, apresentamos diferentes formatos de turnos que realizam a mesma ação. Ademais, inserimos uma breve explicação das diferentes maneiras de informar horários que observamos nos dados.

Explorando a Linguagem:

Na Língua Portuguesa, há diferentes formas de fazer determinada pergunta e de responder a determinada pergunta.

→ Ao chegar em uma rodoviária, uma das primeiras perguntas que a pessoa que deseja viajar faz ao atendente se refere aos **horários de saída dos ônibus** para determinado destino. Na sequência, você pode observar diferentes maneiras de realizar essa pergunta:

- “Qual o horário do último ônibus que vem agora pra (nome do destino)?”
- “Quais os horários que tu tens pra (nome do destino)?”
- “Gostaria de ver qual o próximo horário para (nome do destino)”

→ Depois de perguntar sobre os horários de saída dos ônibus, o/a atendente da rodoviária poderá responder a essa pergunta de diferentes formas. No português, há mais de uma maneira de informar um mesmo horário. Veja os exemplos abaixo:

- 7:45 - sete e quarenta e cinco *ou* quinze para as oito;
- 9:30 - nove e trinta *ou* nove e meia;
- 10:55 - dez e cinquenta e cinco *ou* cinco para as onze;

FIGURA 7 – MD (5)

Fonte: elaborada pelos autores.

Por fim, visando à aplicação do que foi apresentado na seção “Explorando a linguagem”, o exercício 6 estimula os/as migrantes a trabalharem em duplas para criar e interpretar um diálogo em uma rodoviária. Para tanto, disponibilizamos uma tabela contendo informações fictícias como horários, destinos e poltronas vagas nos ônibus. A atividade, portanto, apresenta aos/às alunos/as uma situação real de interação, com falantes e contexto definidos:

Destino	Horário de saída	H. chegada	Preço	Modalidade da viagem	Poltronas
Carlos Barbosa	9:45	10:15	R\$7,15	Comum	12C, 25J, 18C
Caxias do Sul	10:00	11:00	R\$18,55	Semidireto	30C, 5J, 21J
Farroupilha	12:30	13:45	R\$8,65	Comum	6J, 16J, 22C
Garibaldi	14:45	15:15	R\$10,85	Direto	3C, 17C, 22J
Porto Alegre	16:55	19:05	R\$67,20	Semidireto	4C, 29J, 11J
Santa Maria	17:00	21:30	R\$151,20	Direto	7J, 13J, 24C

Fonte: elaborado pelos autores

Agora, forme uma dupla com algum colega e simule uma situação de interação na rodoviária. Um aluno ficará responsável por ser o “cliente” e o outro o “atendente” do guichê. O “cliente” deverá escolher determinado destino e fazer perguntas sobre os horários dos ônibus e sobre as modalidades de viagem. O “atendente”, por sua vez, deverá responder às perguntas feitas pelo “cliente” e informar quais são os preços e as poltronas disponíveis - que estão identificadas como “J” (janela) ou “C” (corredor) -, consultando a tabela acima para checar essas informações.

FIGURA 8 – MD

Fonte: elaborada pelos autores.

Como mencionado na introdução deste texto, o MD fará parte de um livro didático interacional de PLAc que incluirá os materiais didáticos desenvolvidos nos demais subprojetos (que contemplam os seguintes contextos: Polícia Federal, Sistema Nacional de Empregos, Unidade Básica de Saúde, farmácia, padaria, açougue, lojas e escola) que integram o projeto maior: “O português brasileiro falado na Serra Gaúcha como língua de acolhimento para imigrantes” (2020).

Para fechar esta subseção, é válido retomar como os conceitos de interculturalidade e translinguagem foram utilizados no MD. O exercício 1 busca promover a interculturalidade ao estimular a comparação crítica de experiências, o reconhecimento de diversidades socioculturais e a reflexão sobre acesso e desigualdades a partir do compartilhamento e da valorização de narrativas individuais, da empatia intercultural e da quebra de estereótipos. Além disso, ressalta-se que o trabalho do MD em questão com interações autênticas promove a interculturalidade, pois vai além do ensino de estruturas gramaticais e vocabulares, inserindo a língua em contextos reais de uso, onde aspectos culturais, identitários e sociais estão intrinsecamente ligados.

No que tange à translinguagem, destaca-se que o exercício 2 a explora de forma intencional e pedagógica com base nos seguintes princípios: a validação de repertórios linguísticos plurais (ao aceitar “idiomas ou variedades”, o exercício reconhece que os/as falantes têm conhecimentos parciais, dialetos, gírias e línguas de herança – não apenas “línguas oficiais”), o inventivo à criatividade e ao hibridismo (no enunciado do exercício 2, há a frase “use estratégias criativas: misturas, empréstimos...”, o que legitima práticas translingues), o rompimento com hierarquias entre línguas (ao permitir “gestos ou desenhos”, o enunciado desafia a ideia de que só a escrita “formal” é válida e inclui participantes com alfabetização limitada em algumas línguas) e a promoção da multimodalidade (ao aceitar símbolos, desenhos e empréstimos, o exercício reconhece que a comunicação não depende apenas de palavras).

4. Considerações finais

Com o aumento da chegada de migrantes ao Brasil, torna-se cada vez mais necessário pensar e promover soluções para o acolhimento e para a integração social dessa parcela da população. O ensino da língua oficial do país cumpre importante papel nessa questão, já que, além de ser um direito dos/das migrantes, também possibilita o acesso a outros direitos (Grosso, 2010). Neste trabalho, buscamos aplicar a Análise da Conversa como perspectiva teórico-metodológica para o desenvolvimento de materiais didáticos de PLAc que possam suprir as necessidades interacionais desse público, mais especificamente no contexto de compra de passagens em uma rodoviária. Trabalhamos, dessa maneira, com o atravessamento dos eixos verticais e horizontais (Bizon; Camargo, 2018).

A AC aplicada à educação linguística, como já descrito por Richards e Seedhouse (2007), pode identificar quais são as práticas sequenciais de interações em espaços variados com objetivo de apresentar aos/às alunos/as de línguas formas de agir a partir das singularidades desses contextos. Ao aplicarmos essa metodologia na análise de dados naturalísticos obtidos em uma rodoviária da

Serra Gaúcha, pudemos levantar o vocabulário típico desse espaço e observar a estrutura geral de ações e o formato dos turnos de fala. A análise revelou que a estrutura geral varia de acordo com o quanto o/a cliente sabe previamente sobre os horários de viagem oferecidos, e que os turnos de fala tendem a carregar pouca informação, como já aparece em Gonzalez-Lloret (2005). Porém, ao contrário do excerto apresentado pela autora, nos dados desta pesquisa, é o/a cliente quem normalmente solicita as informações referentes à viagem.

A partir dos resultados da análise, produzimos um MD para o ensino de PLAc nos apoiando nos conceitos de interculturalidade e translinguagem, que promovem a justiça social. Introduzimos o tema por meio de um exercício que tem como alicerce a interculturalidade objetivando promover um espaço de respeito e reconhecimento da cultura do Outro. A translinguagem, por sua vez, foi utilizada na atividade que busca apresentar o vocabulário típico do contexto da rodoviária, colocando em destaque a língua de casa dos/as alunos/as e reforçando que uma língua não é culturalmente mais importante que a outra. Fazer uma pesquisa interacional para elucidar a elaboração de um material didático de PLAc permitiu, ainda, incluir no material interações naturalísticas que mostram ao/à estudante a língua em situações de uso real, aproximando o aprendizado da língua das situações comunicativas autênticas que os/as alunos/as encontrarão no mundo.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2303.R>

Resposta dos autores: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2303.A>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Luciane Sturm

Afiliação: Universidade de Passo Fundo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9007-748X>

Avaliador 2: Claudia Andrea Rost Snichelotto

Afiliação: Universidade Federal da Fronteira Sul

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7904-3884>

AVALIADOR 1

O texto é interessante e traz contribuições para a área, de forma geral. Não há problemas linguísticos quanto à escrita. Contudo, há vários aspectos metodológicos que necessitam esclarecimento, principalmente, com relação estudo relatado relatada ser uma pesquisa inserida em um projeto de extensão ou ser o recorte de um projeto guarda chuva de pesquisa. Isso não está claro no texto. Da mesma forma, falta definir um objetivo geral (único), pois, várias vezes, o texto se refere a um objetivo, mas não é especificado se é o objetivo do estudo relatado ou do projeto maior ou outro. Seria importante ter uma pergunta de pesquisa para delimitar melhor o objetivo.

As referências são pertinentes e dão conta do estudo de forma geral. Entendo que para ser publicado, são necessárias uma revisão e adequações metodológicas e estruturais no texto.

Envio o arquivo com comentários e sugestões.

Obrigada pela oportunidade.

Luciane Sturm

AVALIADOR 2

O artigo intitulado “PRA BENTO: A produção de materiais didáticos de português como língua de acolhimento...” apresenta contribuições relevantes para o ensino de PLAc fundamentado na Análise da Conversa e em dados naturalísticos coletados em uma rodoviária da Serra Gaúcha. O estudo parte da descrição de forma detalhada as interações típicas de compra de passagens, promovendo a elaboração de material didático autêntico e sensível às demandas linguístico-interacionais de migrantes. Destacam-se a adoção das perspectivas intercultural e translíngua, que valorizam os saberes e repertórios dos aprendizes e favorecem práticas pedagógicas inclusivas. Portanto, o relato de pesquisa se configura como uma iniciativa metodologicamente sólida e socialmente engajada, com potencial para inspirar outras ações em contextos de acolhimento linguístico.

As sugestões descritas a seguir visam refinar a coerência teórico-metodológica, aperfeiçoar a redação e ajustar o trabalho às normas da revista da Abralín, especialmente quanto às citações e referências.

1. Aspectos de Conteúdo

1.1 Título

O título é representativo do objeto e da abordagem adotada.

1.2 Resumo e Introdução

O resumo contempla os critérios exigidos (objetivo, relevância, metodologia e resultados), mas seria desejável uma melhor correspondência entre o objetivo nele declarado e a forma como ele é retomado na introdução. Sugere-se ainda incluir, ao final da introdução, uma breve apresentação da estrutura do artigo.

1.3 Fundamentação Teórica (Seção 1.1)

A relação entre PLAc, interculturalidade e translinguagem é bem construída.

Recomenda-se:

- Inserir definições breves (em nota de rodapé) para termos como “etnometodologia” e “perspectiva êmica”, para facilitar a leitura por não especialistas.
- Incluir a referência completa ao artigo de Bizon e Camargo (2018), que é citado no corpo do texto.
- Retirar a menção direta à natureza da dissertação de Neves (2018) no corpo do texto, mantendo apenas o nome da autora e ano.
- Reformular o trecho que afirma ser o cliente quem solicita informações, a fim de evitar um tom de obviedade.

1.4 Metodologia (Seção 1.2)

Apesar de o método estar descrito com clareza, há lacunas importantes:

- A Análise da Conversa é citada no resumo e na introdução com referência a Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), mas esses autores não são nominalmente retomados na seção 1.2. Sugere-se nomeá-los e situá-los teoricamente.
- O paradoxo do observador é mencionado de forma superficial e com certo grau de incoerência. Recomenda-se reescrever o trecho para reconhecer a limitação metodológica e apontar referências mais consistentes além de Ostermann (2012), se mantida a generalização.

1.5 Apresentação dos Dados e Análise

As Figuras 1 e 2 não explicitam o tipo de interação retratado, isto é, o arquivo estava com as imagens sem texto.

- Foi identificada uma quebra na sequência de numeração das linhas nos excertos (da linha 25 para a 30) sem justificativa. Sugere-se corrigir ou explicar a omissão.
- Recomenda-se reformular a comparação com Gonzalez-Lloret (2005), dando maior densidade analítica à afirmação de que, neste estudo, os clientes solicitam informações com mais frequência do que os atendentes.

1.6 Proposta Didática

- Sugere-se reproduzir no texto os enunciados completos das cinco atividades apresentadas no material didático.
- Ao final da seção, recomenda-se incluir um comentário que articule explicitamente os fundamentos teóricos (interculturalidade e translinguagem) às práticas pedagógicas propostas.
- A interculturalidade aparece apenas no primeiro exercício; seria interessante reforçar como ela perpassa toda a proposta.

2. Aspectos de Forma

2.1 Siglas

As siglas FeI e GAT2 são utilizadas sem explicitação em sua primeira ocorrência. Devem ser apresentadas por extenso, com breve contextualização.

2.2 Referências Bibliográficas

Há autores citados no corpo do texto que não constam nas referências:

- Semprini (1999) - Bizon e Camargo (2018) - Neves (2018) (incompleta ou ausente)
- Verificar ainda a inserção de autores sugeridos em reformulações (ex.: Labov (1972)), caso sejam incorporados ao texto final.

2.3 Redação e Coerência

Corrigir o truncamento no trecho: “utilizamos as gravações e a essa análise...”.

- Ajustar trechos com formulações vagas ou óbvias, como: “as solicitações são feitas pelos/as clientes”.
- Evitar repetição excessiva de autores em sequência (ex.: Zambrano é citado três vezes seguidas em um único parágrafo).

RESPOSTA DOS AUTORES

Agradecemos muito os importantíssimos apontamentos realizados pelas pareceristas. Colocamos as respostas das sugestões em *itálico* abaixo de cada item desta carta e marcamos as alterações do texto (arquivo em anexo) em vermelho.

Parecer A

O texto é interessante e traz contribuições para a área, de forma geral. Não há problemas linguísticos quanto à escrita. Contudo, há vários aspectos metodológicos que necessitam esclarecimento, principalmente, com relação estudo relatado relatada ser uma pesquisa inserida em um projeto de extensão ou ser o recorte de um projeto guarda-chuva de pesquisa. Isso não está claro no texto. Da mesma forma, falta definir um objetivo geral (único), pois, várias vezes, o texto se refere a um objetivo, mas não é especificado se é o objetivo do estudo relatado ou do projeto maior ou outro. Seria importante ter uma pergunta de pesquisa para delimitar melhor o objetivo.

Para atender às demandas apontadas, acrescentamos os seguintes parágrafos na introdução:

“Nesse contexto, este estudo deriva de um projeto de pesquisa maior inserido na área de Linguística Aplicada chamado “O português brasileiro falado na Serra Gaúcha como língua de acolhimento para imigrantes”¹ (Frezza, 2020). O projeto maior surgiu da necessidade de produzir materiais didáticos de PLAC para um curso de extensão de português para migrantes promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves.

Como parte das atividades desenvolvidas nessa primeira parte da pesquisa, em 2020, foram realizadas entrevistas com migrantes instalados/as no Rio Grande do Sul, visando compreender quais práticas interacionais eram necessárias (e mais urgentes) a eles/elas. Conforme pode ser observado por Cavinato, Gallina e Frezza (2021), um dos lugares mais citados pelos/as migrantes entrevistados/as como necessários no seu dia a dia é a rodoviária. Partindo do pressuposto de que a Análise da Conversa (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974) pode ser aplicada à educação linguística (Seedhouse, 2004; Wong;

Waring, 2020), nesta pesquisa, objetivamos utilizar essa perspectiva teórico-metodológica para descrever compras de passagens em uma rodoviária com vistas a utilizar essa análise para elaborar um material didático (doravante MD) interacional de PLAc com interações naturalísticas.

A partir da concepção de língua como ação defendida pela Análise da Conversa, descrevermos as ações interacionais performadas em 20 interações gravadas em áudio e vídeo em uma rodoviária localizada em um município da Serra Gaúcha. Os formatos linguísticos dessas ações, bem como a organização da estrutura geral² dessas interações e o seu vocabulário recorrente foram utilizados como base para elaboração de exercícios linguísticos que visam promover a aprendizagem de como interagir em uma rodoviária. O MD que deriva deste estudo, que também conta com atividades interculturais e translíngues, integrará um livro didático interacional de PLAc, o qual contará com exercícios que compõem unidades didáticas baseadas em interações naturalísticas dos contextos mencionados como primordiais pelos/as migrantes entrevistados/as em pesquisa realizada anteriormente: Polícia Federal, Sistema Nacional de Empregos, Unidade Básica de Saúde, farmácia, padaria, açougue, lojas e escola (Cavinatto; Gallina; Frezza, 2021). O referido livro será utilizado nos cursos de extensão de PLAc ofertados pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

Parecer B

Sugere-se ainda incluir, ao final da introdução, uma breve apresentação da estrutura do artigo.

Acrescentamos o seguinte parágrafo organizacional ao final da introdução:

“O artigo está organizado em quatro seções. A primeira se dedica ao referencial teórico e está dividida entre o conceito e as aplicações da área de PLAc a relação entre AC e educação linguística. A segunda apresenta os métodos utilizados na pesquisa. A terceira contempla a análise de dados e contém uma subseção na qual apresentamos alguns exercícios do material didático desenvolvido a partir da análise interacional empreendida no artigo. Por fim, há as considerações finais.”

- Inserir definições breves (em nota de rodapé) para termos como “etnometodologia” e “perspectiva êmica”, para facilitar a leitura por não especialistas.

Notas de rodapé com as definições de etnometodologia e perspectiva êmica foram inseridas no texto.

- Incluir a referência completa ao artigo de Bizon e Camargo (2018), que é citado no corpo do texto.

A referência foi inserida.

- Retirar a menção direta à natureza da dissertação de Neves (2018) no corpo do texto, mantendo apenas o nome da autora e ano.

Retiramos a menção à dissertação.

- Reformular o trecho que afirma ser o cliente quem solicita informações, a fim de evitar um tom de obviedade.

Não reformulamos este trecho, uma vez que é possível que o/a atendente solicite informações, como é o caso da interação analisada por Gonzalez-Lloret (2005).

- A Análise da Conversa é citada no resumo e na introdução com referência a Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), mas esses autores não são nominalmente retomados na seção 1.2. Sugere-se nomeá-los e situá-los teoricamente.

Acrescentamos o seguinte trecho na seção de métodos:

“Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) definem a AC como uma abordagem que estuda a estrutura sistemática das interações verbais cotidianas, focando em como os/as participantes organizam a conversa no turno a turno interacional.”

- O paradoxo do observador é mencionado de forma superficial e com certo grau de incoerência. Recomenda-se reescrever o trecho para reconhecer a limitação metodológica e apontar referências mais consistentes além de Ostermann (2012), se mantida a generalização.

Reescrevemos o trecho sobre o paradoxo do observador da seguinte forma:

“Segundo estudos em Sociolinguística Interacional, o processo de coleta de dados em pesquisas que envolvem gravações de interações naturais frequentemente levanta questionamentos sobre o chamado “paradoxo do observador” - a ideia de que a simples presença do/a pesquisador/a ou do equipamento de gravação poderia alterar o comportamento linguístico dos participantes (Labov, 1972). Apesar do reconhecimento desse fato como uma limitação metodológica, há evidências empíricas demonstram que, após um período inicial de estranhamento, os/as voluntários tendem a se adaptar à situação de gravação e retomam padrões linguísticos mais espontâneos (Ostermann, 2012). Essa constatação é corroborada por estudos clássicos de Labov (1972) sobre a atenção monitorada, que mostram como os/as falantes naturalmente relaxam quando imersos/as em interações autênticas, mesmo em contextos de pesquisa.”

As Figuras 1 e 2 não explicitam o tipo de interação retratado, isto é, o arquivo estava com as imagens sem texto.

As imagens foram ajustadas no texto.

- Foi identificada uma quebra na sequência de numeração das linhas nos excertos (da linha 25 para a 30) sem justificativa. Sugere-se corrigir ou explicar a omissão.

A numeração foi corrigida.

- Recomenda-se reformular a comparação com Gonzalez-Lloret (2005), dando maior densidade analítica à afirmação de que, neste estudo, os clientes solicitam informações com mais frequência do que os atendentes.

A comparação foi reformulada da seguinte maneira:

“Diferentemente do excerto analisado por Gonzalez-Lloret (2005), os dados deste estudo mostram que as solicitações de informação partem majoritariamente dos/das clientes”

1.6 Proposta Didática

- Sugere-se reproduzir no texto os enunciados completos das cinco atividades apresentadas no material didático.

Os enunciados foram incluídos no texto.

- Ao final da seção, recomenda-se incluir um comentário que articule explicitamente os fundamentos teóricos (interculturalidade e translanguagem) às práticas pedagógicas propostas.

- A interculturalidade aparece apenas no primeiro exercício; seria interessante reforçar como ela perpassa toda a proposta.

Acrescentamos o seguinte trecho ao final da seção para dar conta dos dois pontos destacadas pela parecerista:

“Para fechar esta subseção, é válido retomar como os conceitos de interculturalidade e translinguagem foram utilizados no MD. O exercício 1 busca promover a interculturalidade ao estimular a comparação crítica de experiências, o reconhecimento de diversidades socioculturais e a reflexão sobre acesso e desigualdades a partir do compartilhamento e da valorização de narrativas individuais, da empatia intercultural e da quebra de estereótipos. Além disso, ressalta-se que o trabalho do MD em questão com interações autênticas promove a interculturalidade, pois vai além do ensino de estruturas gramaticais e vocabulares, inserindo a língua em contextos reais de uso, onde aspectos culturais, identitários e sociais estão intrinsecamente ligados.

No que tange à translinguagem, destaca-se que o exercício 2 a explora de forma intencional e pedagógica com base nos seguintes princípios: a validação de repertórios linguísticos plurais (ao aceitar “idiomas ou variedades”, o exercício reconhece que os/as falantes têm conhecimentos parciais, dialetos, gírias e línguas de herança – não apenas “línguas oficiais”), o inventivo à criatividade e ao hibridismo (no enunciado do exercício 2, há a frase “use estratégias criativas: misturas, empréstimos...”, o que legitima práticas translíngues), o rompimento com hierarquias entre línguas (ao permitir “gestos ou desenhos”, o enunciado desafia a ideia de que só a escrita “formal” é válida e inclui participantes com alfabetização limitada em algumas línguas) e a promoção da multimodalidade (ao aceitar símbolos, desenhos e empréstimos, o exercício reconhece que a comunicação não depende apenas de palavras).”

As siglas FeI e GAT2 são utilizadas sem explicitação em sua primeira ocorrência. Devem ser apresentadas por extenso, com breve contextualização.

Acrescentamos o significado das siglas por extenso.

2.2 Referências Bibliográficas

Há autores citados no corpo do texto que não constam nas referências:

- Semprini (1999) - Bizon e Camargo (2018) - Neves (2018) (incompleta ou ausente)

Ajustamos as referências e incluímos as que estavam faltando.

- Verificar ainda a inserção de autores sugeridos em reformulações (ex.: Labov (1972)), caso sejam incorporados ao texto final.

Incluímos a referência de Labov (1972).

Corrigir o truncamento no trecho: “utilizamos as gravações e a essa análise...”.

O trecho foi corrigido.

- Ajustar trechos com formulações vagas ou óbvias, como: “as solicitações são feitas pelos/as clientes”.

- Evitar repetição excessiva de autores em sequência (ex.: Zambrano é citado três vezes seguidas em um único parágrafo).

Não reformulamos este trecho, uma vez que é possível que o/a atendente solicite informações, como é o caso da interação analisada por Gonzalez-Lloret (2005).

Conflito de Interesse (obrigatório)

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa (obrigatório)

Avaliando os roteiros propostos pela Equator Network, consideramos que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados (obrigatório)

Os dados que fazem parte deste estudo estão disponíveis neste link: https://drive.google.com/drive/folders/13fQC20DRNMovfj0YLcS02piZkFUSZO_q?usp=sharing

Pesquisa com seres humanos (se aplicável)

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, conforme CAAE: 29648920.7.0000.8024. Todos/as os/as participantes do estudo concordaram participar do estudo e registraram seus aceites mediante suas assinaturas em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Agradecimentos (opcional)

Agradecemos ao Fundo de Amparo à Pesquisa do Rio Grande Sul (FAPERGS) pela bolsa concedida ao graduando João Vitor Piccoli, e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) pelo afastamento concedido à professora doutora Minéia Frezza. Agradecemos também ao Grupo de Estudos Fala-em-interação em Contextos Institucionais e Não-Institucionais (FEI) pelo suporte analítico dedicado a este trabalho em um de nossos encontros.

Fontes de financiamento

As fontes de financiamento deste trabalho são o Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), através de bolsa concedida ao aluno de graduação João Vitor Piccoli, e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, através do afastamento concedido à orientadora Minéia Frezza para pós-doutorado.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Rosane de Sá. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. **Revista Siple**. Brasília, v. 4, n. 2, p. 6-14. 2013.
- ANUNCIACÃO, Renata Franck Mendonça. A língua que acolhe pode silenciar? Reflexões sobre o conceito de Português como Língua de Acolhimento. **Revista X**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 35-56, 2018. DOI 10.5380/rvx.v13i1.60341. Acesso em: 12 nov. 2024.
- BALZAN, Carina Fior Postingher; KANITZ, Andréia. Língua Portuguesa para imigrantes e refugiados: relato de uma experiência no IFRS - Campus Bento Gonçalves. **LínguaTec**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 273-284, 2020. DOI: 10.35819/linguatec.v5.n1.4012. Acesso em: 9 out. 2024.
- BIZON, Ana Cecília Cossi; CAMARGO, Helena R. E. de. Acolhimento e ensino da língua portuguesa à população oriunda de migração de crise em São Paulo: por uma política do atravessamento entre verticalidades e horizontalidades. In: BAENINGER, Rosana (org.), et al. **Migrações sul-sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - NEPO/Unicamp, 2ª ed., 2018, p. 712 - 726.
- BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Justiça. **Boletim da Migração no Brasil**: nº 4 - outubro/2024. Brasília: MJSP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/secretaria-nacional-de-justica-senajus/boletim-da-migracao-no-brasil_10102024_versao-agosto-final-10-out-2024-1.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. Relatório Anual OBMigra 2024. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2024.
- CAVINATO, Marina; GALLINA, Eduarda; FREZZA, Minéia. O primeiro sofrimento que os imigrantes passam é de não entender nada da língua: em busca do português brasileiro como língua de acolhimento para imigrantes. **LÍNGUATEC**, v. 6, N. 2, p. 65-83, 2021. DOI: 10.35819/linguatec.v6.n2.5465. Acesso em: 31 jun. 2024.
- DINIZ, Leandro Rodrigues Alves; SIGALES-GONÇALVES, Jael Sânera. Disputando a letra da lei: uma proposta de intervenção de linguistas e linguistas aplicados na legislação migratória brasileira. **Gragoatá**, Niterói, v. 30, n. 66, e64518, jan-abr. 2025. DOI: doi.org/10.22409/gragoata.v30i66.64518.pt. Acesso em: 7 abr. 2025.
- GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição em Análise da Conversa. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, MG, v. 6, n. 2, p. 89-113, 2002.
- GARCEZ, Pedro de Moraes. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, Leticia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (org.). **Fala-em-interação social**: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 17-38.
- GARCÍA, Ofélia.; WEI, Li. **Translanguaging**: Language, Bilingualism and Education. Palgrave Macmillan, 2014.
- GONZALES-LLORET, Marta. Reconstructing NS/NNS communication. In PREISLER, Bent; FABRICIUS, Anne; HABERLAND, Hartmut; KJÆRBECK, Susanne; RISAGER, Karen (eds.). **The consequences of mobility**: linguistic and sociocultural contact zones. Roskilde: Roskilde University, Department Of Language And Culture, 2005, p. 1-27.
- GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de interação. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 9, n. 2, 2010.
- IBGE. (2019). Instrumentos de gestão migratória. In: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Perfil dos municípios brasileiros: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019, p. 96-111.
- JEFFERSON, Gail. Transcript notation. In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John (Ed.). **Structures of Social Action**: Studies in Conversation Analysis. New York: Cambridge University Press, 1984. p. 9-16.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LODER, Leticia; JUNG, Neiva Maria (org.). **Fala-Em-Interação Social**: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- LOPEZ, Ana Paula de Araújo. Algumas considerações sobre o termo Português como Língua de Acolhimento. In: MARTORELLI, Ana Berenice Peres; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de; VIRGULINO, Camila Geyse da Conceição (Org.). **Vidas em movimento**: ações e reflexões sobre o acolhimento de pessoas em situação de refúgio. 1ed. Paraíba: Editora UFPB, 2020, v. 1, p. 120-144.

MAHER, Terezinha Machado. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela B.; CAVALCANTI, Marilda C. (org.). **Linguística aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.

MARKEE, Numa; KUNITZ, Silvia. CA-for-SLA Studies of Classroom Interaction: Quo Vadis? In: MARKEE, Numa. **Handbook of classroom discourse and interaction**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 1ª ed., 2015, p. 425 - 439.

NEVES, Amélia de Oliveira. **Política linguística de acolhimento a crianças imigrantes no ensino fundamental brasileiro**: um estudo de caso. Orientador: Leandro Rodrigues Alves Diniz. 2018. Dissertação (Mestrado em linguística aplicada). Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-B64H2A/1/1872m.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2025.

OLIVEIRA, A. Processamento da informação num contexto migratório e de integração. In: GROSSO, M. J. (dir.) **Educação em Português e Migrações**. Lisboa: Lidel, 2010.

OSTERMANN, Ana. Análise da conversa: o estudo da fala-em-interação. In: OSTERMANN, Ana C.; MENEGHEL, Stela N. (org.). **Humanização, gênero, poder**: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde. Campinas, SP: Mercado de Letras; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012, p. 33-43.

RICHARDS, Keith.; SEEDHOUSE, Paul. **Applying conversation analysis**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

SILVA, Caroline Rodrigues; ANDRADE, Daniela Negraes P.; OSTERMANN, Ana Cristina. **Análise da Conversa: uma breve introdução**. ReVEL, v. 7, n. 13, 2009.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gain. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. **Language, Studies in the Organization of Conversational Interaction**, New York, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SELTING, Margret. et al. **A system for transcribing talk-in-interaction**: GAT2 translated and adapted for English by Elizabeth Couper-Kuhlen and Dagmar Barth-Weingarten. *Gesprächsforschung - Online - Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, 2011.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 1999.

WAMMES, Paloma Aparecida; BALZAN, Carina Fior Postingher. A Interculturalidade no ensino de Português como Língua de Acolhimento: estudo de caso em um curso de extensão para imigrantes e refugiados. **LínguaTec**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 51-69, 2024. DOI: 10.35819/linguatec.v9.n1.7123. Acesso em: 21 fev. 2025.

WELP, Anamaria; GARCÍA, Ofelia. A pedagogia translingue e a elaboração de tarefas na formação integral do educando brasileiro. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 75, n. 1, p. 47-64, 2022. DOI: 10.5007/2175-8026.2022.e82165. Acesso em: 28 nov. 2024.

WONG, Jean; WARING, Hansun Zhang. **Conversation analysis and second language pedagogy**: A guide for ESL/EFL teachers. Routledge, 2020.

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo. Políticas linguísticas e educacionais para acolhimento entre línguas. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 40, n. 3, 2024. DOI: 10.1590/1678-460X202440362842. Acesso em: 12 fev. 2025.